

6.4.2.3 O balanço do Capital

Como complemento da conta de exploração, elaborou-se o balanço do capital nas explorações agrícolas estudadas e para os dois anos de observação. Pretendeu-se identificar a dinâmica destas explorações agrícolas, determinar a capacidade demonstrada, nesse período, de remunerar o capital utilizado e, ainda, calcular a taxa real a que essa remuneração foi feita. A comparação desta taxa com as remunerações de capital praticadas pelas instituições financeiras permite tirar conclusões sobre o potencial reprodutivo destes sistemas agrários.

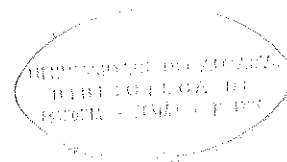
A estrutura do capital nas explorações evoluiu, nos anos de referência, de acordo com as indicações apresentadas no Quadro 6-14.

Quadro 6-14
ESTRUTURA DO CAPITAL NAS EXPLORAÇÕES
AGRÍCOLAS ESTUDADAS

EXPLORAÇÃO	CAPITAL FUNDIÁRIO (*) %	CAPITAL EXPLORAÇÃO FIXO (*) %	CAPITAL EXPLORAÇÃO CIRCULANTE %	CAPITAL TOTAL %
A1	49.6	32.4	18.0	100.0
A2	49.3	33.4	17.3	100.0
B1	89.5	9.7	0.8	100.0
B2	88.5	10.5	1.0	100.0
C1	96.6	3.0	0.4	100.0
C2	96.5	3.0	0.5	100.0
D1	77.9	13.4	8.7	100.0
D2	75.1	15.5	9.4	100.0
E1	96.3	2.4	1.3	100.0
E2	94.7	3.2	2.1	100.0

(*) valores médios anuais
Fonte: recolha própria

As explorações da Serra (A) e do Litoral-horticultura (D) são as que apresentam valores relativos mais baixos do capital fundiário. No primeiro caso, esse facto tem a ver com o baixo valor da terra e, paralelamente, com a existência, no capital de exploração fixo, de uma forte componente em gado bovino para reprodução. Na exploração do Litoral-horticultura (D), é o equipamento que reforça a parcela do capital de exploração fixo. Nestas duas explorações, o capital circulante atinge



valores elevados devido, respectivamente, aos alimentos compostos adquiridos para a alimentação do gado e aos factores de produção utilizados nos sistemas de horticultura intensiva.

Na Beira-Serra (B), no Barrocal (C) e no Litoral-citrinos (E), o valor do capital fundiário situa-se acima dos 88% do respectivo capital total, chegando o capital de exploração a atingir valores excepcionalmente baixos, próximos de 3%. Nas explorações do interior (B e C), este resultado advém do fraco peso que o capital de exploração tem na estrutura de capital destas unidades produtivas. Na exploração de citrinos (E), do Litoral, com as parcelas de terreno encravadas entre os aldeamentos turísticos de luxo do concelho de Loulé (Quinta do Lago e Vale do Lobo), o preço da terra lidera o parcelário do respectivo capital total, muito embora tenha sofrido uma desvalorização importante devido ao anúncio da entrada em vigor do PROTAL, limitando drasticamente a edificação dispersa e preservando os solos agrícolas.

A rendibilidade real do capital destas explorações agrícolas pode ser determinada através da relação entre o valor do excedente líquido de exploração (do capital) gerado no período de referência (determinado no capítulo precedente), e o valor do capital total nesse período, de cuja utilização resultou aquele excedente (Quadro 6-15).

Recorde-se que na determinação do excedente líquido de exploração se utilizou, para além de valores reais (praticados na exploração ou equiparados aos verificados no mercado local), uma metodologia para avaliação do trabalho familiar que, volta a sublinhar-se, pode ser globalmente questionável. Por este motivo, a exploração da Serra (A) é fortemente penalizada, tendo em atenção a forte componente da mão-de-obra, quase exclusivamente familiar, nos custos totais incluídos na conta de exploração.

Neste panorama, a horticultura e os citrinos, ou seja, as duas explorações do Litoral (D e E), encontram-se em boa situação, a que se pode associar, também, a exploração da Beira-Serra (B). Predominam nestas unidades produções bem valorizadas pelo mercado, não obstante os circuitos deficientes de comercialização, entregues basicamente a comissionistas, sem um mínimo controlo por parte dos agricultores.

A situação da exploração do Barrocal (C) é a mais delicada, de acordo com os valores deste indicador. Os custos associados ao trabalho

familiar não têm a importância daqueles que foram imputados à exploração da Serra (A) e, embora a série seja curta, é de admitir que a variação seja elevada, uma vez que é função de produções pouco valorizadas e comercialmente inconstantes.

Quadro 6-15
RENDIBILIDADE REAL DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS

EXPLORAÇÃO	CAPITAL TOTAL	ELEc / KT
	(KT) (*) 10 ³ escudos	
A1	6 610.5	-3.98
A2	6 653.3	-1.14
B1	10 786.7	2.61
B2	10 902.2	2.66
C1	56 674.9	1.25
C2	56 725.0	-0.11
D1	39 480.3	6.00
D2	35 072.6	2.16
E1	62 543.3	3.06
E2	53 045.6	6.92

(*) valores médios anuais
Fonte: recolha própria

Por fim, analise-se o indicador Capital Total / Produção Final (KT/PF), o qual traduz o montante de capital necessário à produção de cada unidade de produto final. À partida, este indicador atingirá valores elevados em explorações pecuárias (sobretudo, orientadas para a produção de carne), com ciclos de produção médios ou longos, e, ainda, naquelas onde o valor da terra é excepcionalmente pesado no conjunto do Capital Total.

A exploração do Litoral-citrinos (E) encontra-se no último dos casos referidos, uma vez que as duas parcelas que a constituem se localizam, como se afirmou, na proximidade de áreas turísticas de qualidade.

A exploração que mais se afasta dos valores médios é a do Barrocal (C), que apresenta valores excessivamente elevados para este indicador. Este facto resulta não só do valor atribuído ao seu património

fundiário (sobretudo devido à extensão das suas parcelas), mas também da fraca valorização da respectiva produção final.

Quadro 6-16
INDICADORES DE PRODUTIVIDADE DO CAPITAL
NAS EXPLORAÇÕES ESTUDADAS E EM
EXPLORAÇÕES-PADRÃO DA C.E.E.

EXPLORAÇÕES ESTUDADAS	KT / PF
A1	2.05
A2	1.96
B1	9.28
B2	7.91
C1	34.81
C2	54.02
D1	3.21
D2	3.30
E1	15.04
E2	7.93

Fonte: elaboração própria

EXPLORAÇÕES PADRÃO DA C.E.E.	KT / PF
média da CEE	4.00
horticultura italiana	2.84
explor. valencianas	4.89
pecuária - Norte de Espanha	3.01
pecuária grega	3.41
explor. do Norte de Portugal	6.06
prod. vegetal - Itália do Sul	6.66

Fonte: Hulot & Loyat, 1990

As baixas produtividades do pomar tradicional algarvio, um dos componentes produtivos da exploração da Beira-Serra (B), induzem a que o indicador analisado atinja valores moderadamente elevados.

A comparação com valores médios de explorações comunitárias encontra algum paralelo, destacando-se as diferenças com a exploração do Litoral-citrinos (E) e, principalmente, com a do Barrocal (C), devido às razões já apontadas.

6.4.3 O RENDIMENTO DOS AGREGADOS FAMILIARES

Neste capítulo a análise incide na determinação do rendimento disponível do agregado familiar do agricultor. A perspectiva deixa de se basear nos recursos territoriais. O objectivo não passa, nesta óptica, pela determinação da retribuição social e economicamente aceitável para o capital comprometido no processo produtivo.

A orientação é agora o agregado familiar do produtor agrícola. Pretende-se analisar como procedem os diferentes agrupamentos familiares que se encontram inseridos na produção agrícola.

Esta nova óptica diverge basicamente da anterior no seguinte aspecto: não atribui uma remuneração ao trabalho agrícola familiar desenvolvido na própria exploração. Admite que, de acordo aliás com a disponibilidade desse tipo de trabalho, a sua retribuição não se pode isolar do excedente global gerado pela exploração. A gestão é praticada, na realidade, com este objectivo (assegurar um excedente adequado), não havendo nunca a preocupação do agricultor em verificar se os factores combinados estão a ser devidamente remunerados, ou se o seu trabalho não está a ser devidamente compensado.

Trata-se de uma opção em que os próprios custos de oportunidade do trabalho, em áreas com alternativas empregadoras, são muitas vezes desprezados.

Nesta perspectiva tenta-se detectar a dinâmica própria e real das unidades produtivas de base familiar, nas quais as opções são decididas de acordo com as melhores alternativas que se colocam à manutenção e reforço da entidade familiar.

Por este motivo, deixa de existir na conta de exploração uma categoria dedicada ao trabalho familiar (Fig. 6-17). O excedente líquido de exploração (ELE) passa a ter, então, um carácter misto, na medida em que se destina a remunerar todos os factores produtivos que têm origem na família: trabalho, terra e capital de exploração.

6.4.3.1 O Excedente Líquido de Exploração (misto)

A determinação do excedente líquido de exploração fica resolvida através da seguinte expressão:

$$\text{ELE} = \text{PB} - \text{CI} - \text{MOa} - \text{AK} + \text{SU} - \text{IM}$$

ou

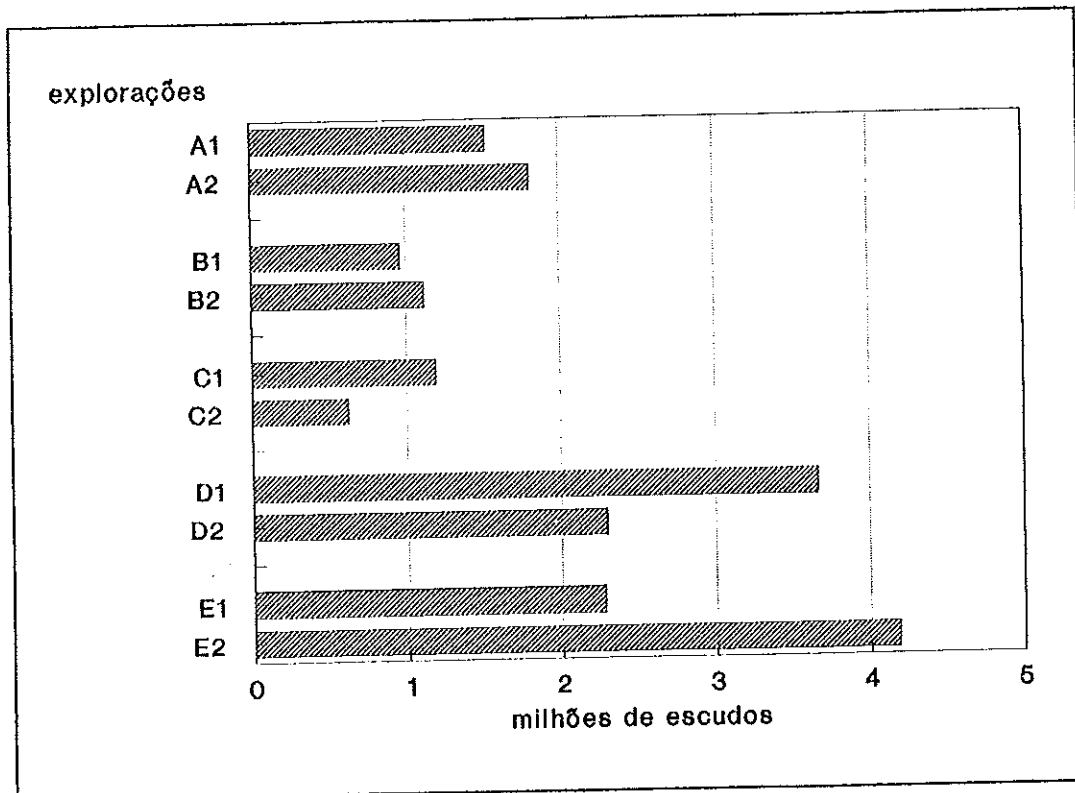
$$\text{ELE} = \text{VAB} - \text{MOa} - \text{AK} + \text{SU} - \text{IM}$$

Figura 6-17
ESTRUTURA DA CONTA DE RENDIMENTO

EMPREGOS		SALDO	RECURSOS	
PRODUÇÃO INTERMÉDIA	CONSUMO		PRODUÇÃO BRUTA	PRODUÇÃO INTERMÉDIA
CONSUMO INTERMÉDIO	INTERMÉDIO			PRODUÇÃO FINAL
EXTERNO		V.A.B.		
	REMUNERAÇÕES		SUBSÍDIOS À EXPLORAÇÃO	
	AMORTIZAÇÕES			
	IMPOSTOS			
	RENDIMENTOS E RENDAS PAGAS	EXCEDENTE LÍQUIDO DE EXPLORAÇÃO		
	QUOTIZAÇÕES SOCIAIS	RENDIMENTO LÍQUIDO DISPONÍVEL DA FAMÍLIA	REMUNERAÇÕES DE OUTRAS ACTIVIDAD.	
	SEGUROS		RENDIMENTOS DE PROPRIEDADES E ACTIVIDADES	
	IMPOSTOS		PRESTAÇÕES SOCIAIS	
	OUTRAS TRANSFERÊNCIAS		OUTRAS TRANSFERÊNCIAS	

O excedente líquido de exploração é positivo para todas as explorações (Fig. 6-18), com especial realce para as explorações do Litoral.

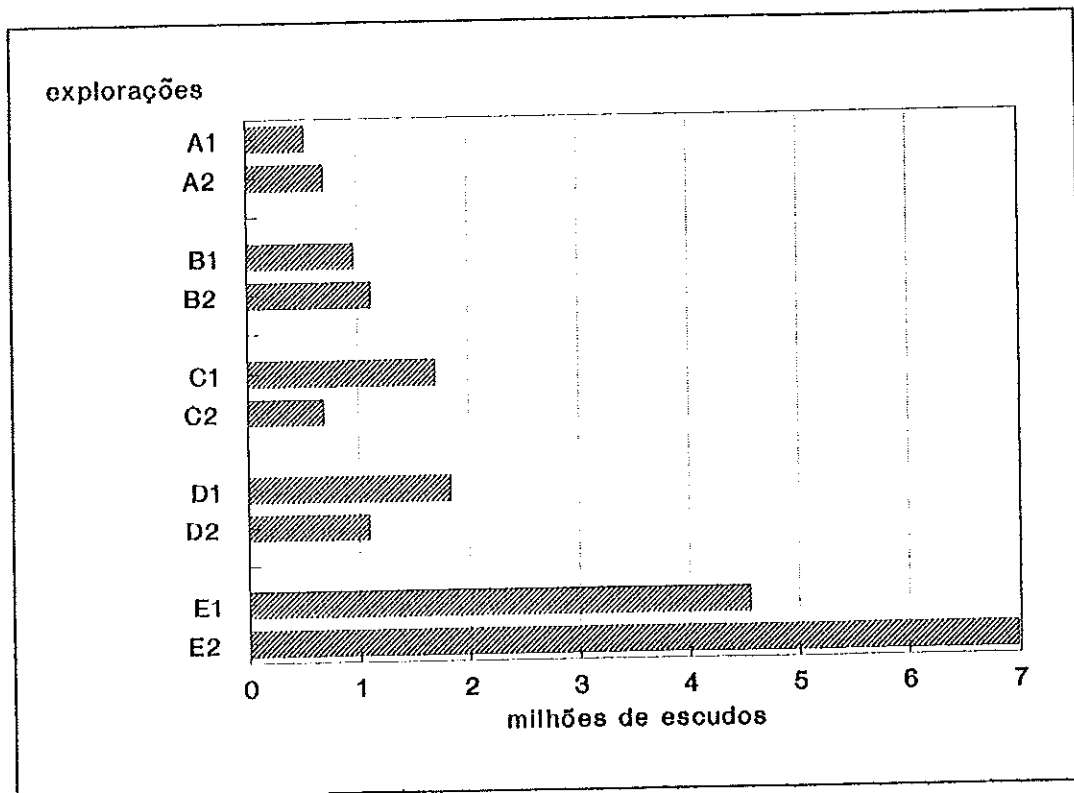
Figura 6-18
EXCEDENTE LIQUIDO DE EXPLORAÇÃO
NAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS



Fonte: recolha própria

Analisando o mesmo indicador (ELE/UHT), referido a uma nova base, o padrão UHT familiar (Fig. 6-19), vemos que a exploração do Litoral-citrinos (E) se afasta brutalmente das outras. Os excedentes por UHT variam quase todos entre 600 e 1800 milhares de escudos, atingindo excepcionalmente naquela exploração valores muito elevados (4500 a 7000 milhares de escudos). Esta conclusão, abertamente favorável ao pomar de citrinos, baseia-se, convém não esquecer, numa exploração estabilizada, onde o esforço de investimento foi já realizado e onde a manutenção cuidadosa da exploração não exige trabalho excessivo.

Figura 6-19
EXCEDENTE LIQUIDO DE EXPLORAÇÃO POR UNIDADE
DE TRABALHO FAMILIAR (UHT familiar)



Fonte: recolha própria

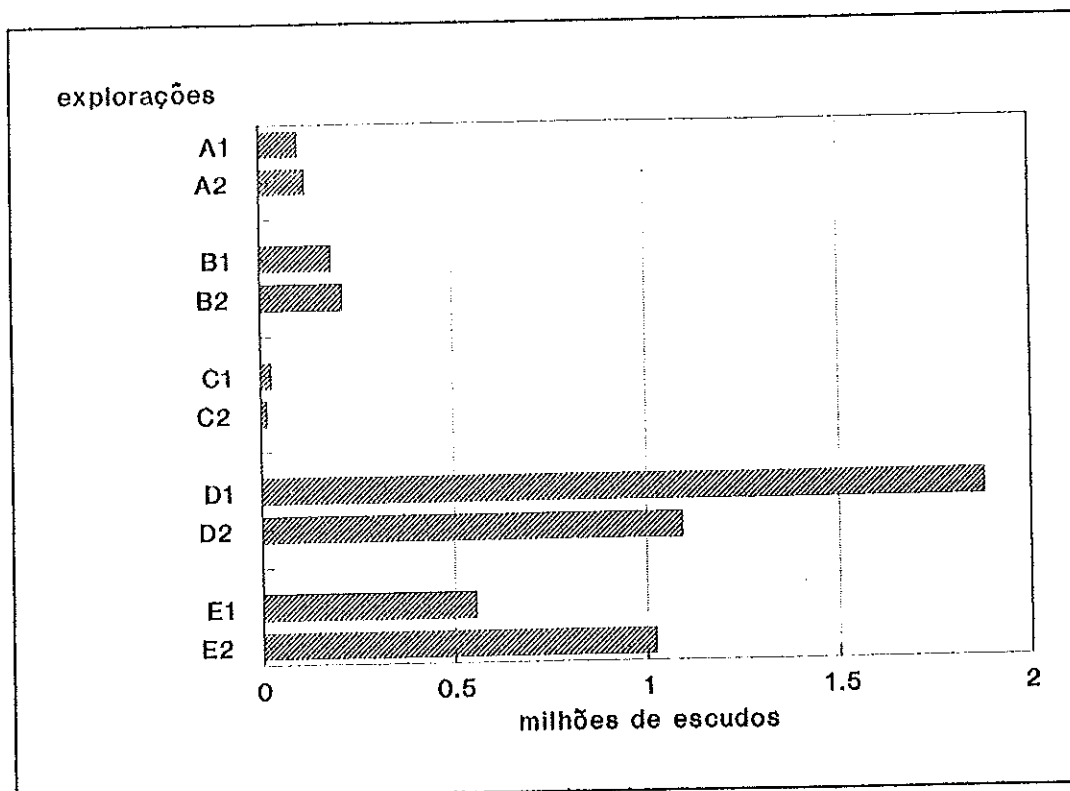
Observando, por outro lado, o comportamento do ELE/SAU (Fig. 6-20), verificamos que este indicador volta a colocar a exploração do Litoral-horticultura (D) em posição de liderança e a relegar a do Barrocal para a derradeira posição, na proporção de 1:80 !

6.4.3.2 O Rendimento Líquido disponível da família

O excedente líquido de exploração é apenas uma das fontes de rendimento da família agrícola, justamente aquela que provém da própria exploração. De acordo com a estrutura da Conta de Rendimento (Fig. 6-17), outros componentes contribuem para a formação do Rendimento Líquido disponível da família. O enquadramento destes componentes, assim como a sua quantificação relativa, permitirão explorar as diversas situações de manutenção e de reprodução das famílias agrícolas, as

suas estratégias de desenvolvimento e as actividades que, nas diferentes sub-regiões, condicionam a obtenção do rendimento global disponível.

Figura 6-20
EXCEDENTE LÍQUIDO DE EXPLORAÇÃO
POR UNIDADE DE SUPERFÍCIE (SAU)
NAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS



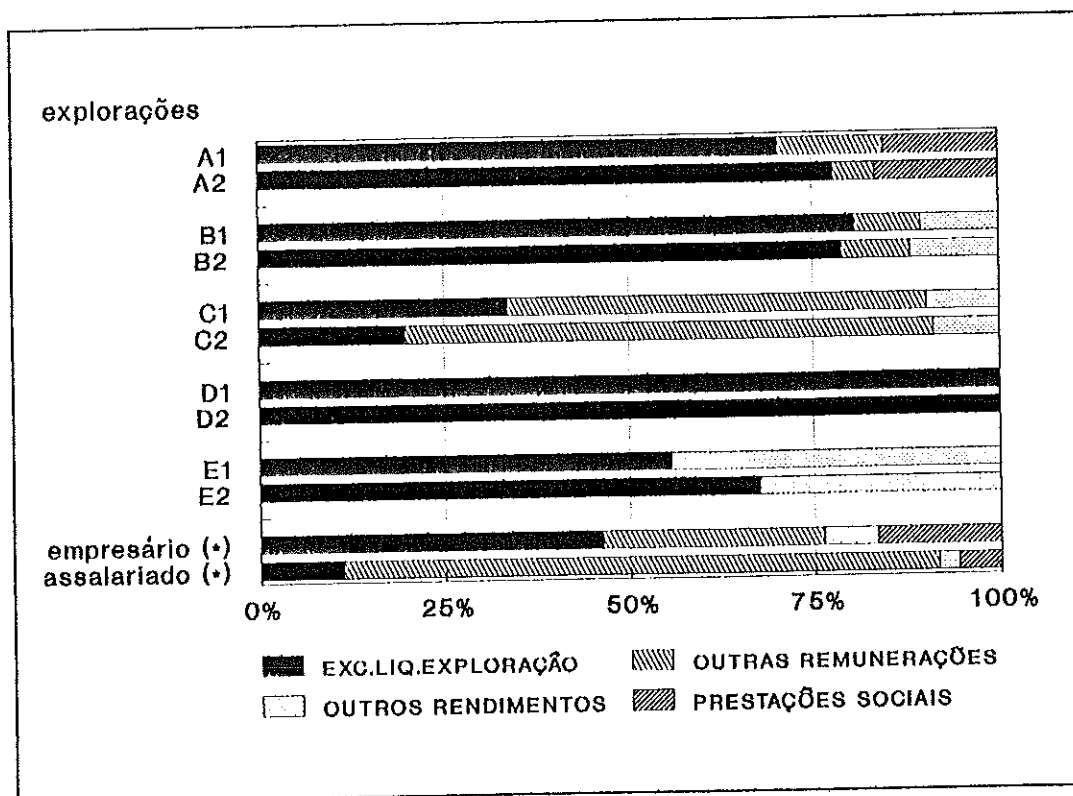
Fonte: recolha própria

Tendo presente as categorias apresentadas na Fig. 6-18, pode verificar-se no Quadro 6-17 a grande diversidade de situações existentes nestas cinco explorações (Fig. 6-21).

Na exploração da Serra (A), os rendimentos provêm todos do trabalho da família, realizado na exploração ou noutras actividades eventuais, exteriores à mesma, ou ainda de pensões sociais, como compensação do trabalho realizado pelos elementos idosos da família durante o período activo das respectivas vidas. Isto é, o trabalho, actual e

passado, e o património agrícola são as únicas fontes geradoras de rendimento familiar.

Figura 6-21
ORIGEM DO RENDIMENTO DAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS
(%)



Fonte: recolha própria e (*) INE (1992o)

Esta situação aparece, também, nas explorações da Beira-Serra e do Barrocal (respectivamente, B e C). As fontes de rendimentos reduzem-se, nestes casos, aos excedentes da exploração e às remunerações recebidas por membros da família ligados a actividades desenvolvidas fora da exploração. Mas enquanto a família que suporta a exploração da Beira-Serra obtém dela a parte principal do rendimento (cerca de 90%), o rendimento do agregado familiar da unidade do Barrocal é formado, principalmente, a partir da remuneração de um dos seus elementos, quadro superior da administração pública, relegando o excedente da exploração para uma fatia que normalmente não supera um terço do total.

Os elementos da exploração do Litoral-horticultura (D) estão integralmente comprometidos com a actividade nas estufas, a qual lhes ocupa a totalidade do seu tempo. A família não dispõe de património fundiário para além da pequena parcela que está afectada à exploração e não tem, também, oportunidade para se dedicar a outras actividades. Recorde-se que esta exploração apresenta bons indicadores no que respeita ao Excedente de Exploração / UHT.

Finalmente, a outra exploração do Litoral, dedicada à produção de citrinos (E), reparte a origem dos seus rendimentos entre o excedente gerado com a actividade agrícola (mais de 50 %) e outros rendimentos provenientes do património imobiliário com que valorizou algumas das parcelas de terra de que é proprietário. De entre o seu património fundiário, destinou, em período passado, duas parcelas à agricultura e outras à edificação. Estamos perante uma típica situação do Litoral, onde a pressão urbana alicia (e, mais ainda, quase obriga) a mudanças de uso do solo para actividades diversas da produção primária, normalmente com declaradas vantagens económicas imediatas.

Quadro 6-17
ORIGEM DO RENDIMENTO (%) DAS FAMILIAS AGRICOLAS

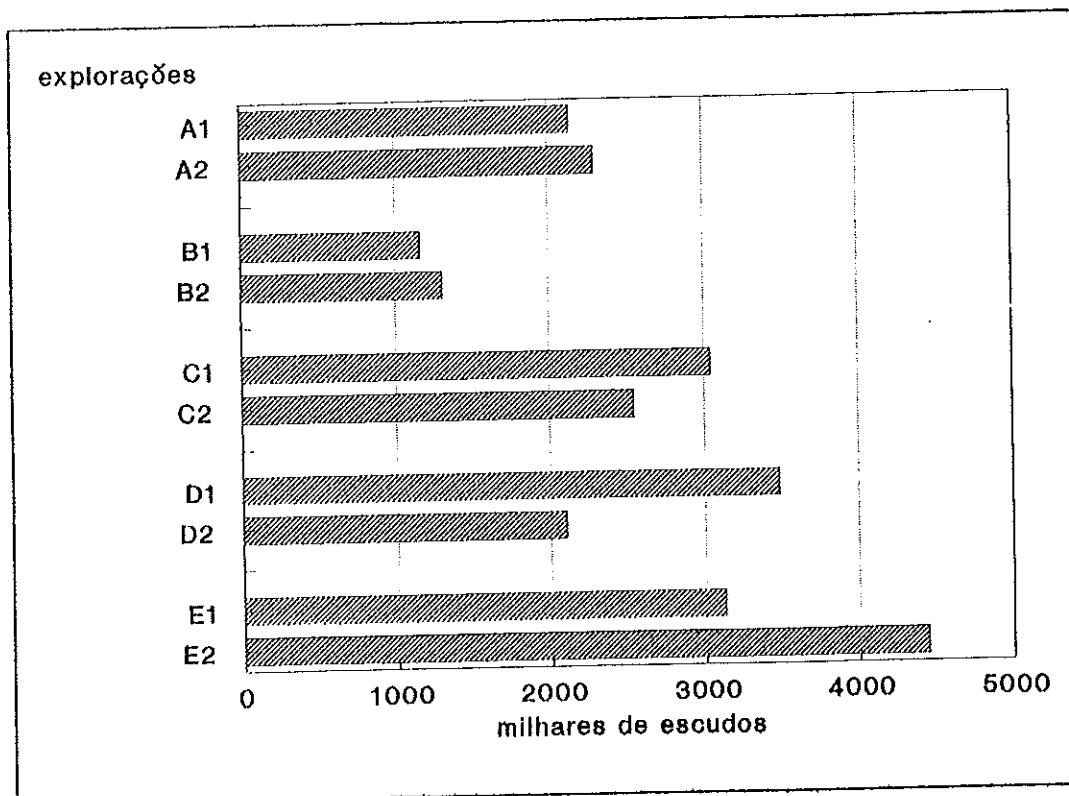
EXPLO- RAÇÃO	E.L.E.	OUTRAS REMUNE- RAÇÕES	OUTROS RENDIMEN- TOS	PRESTA- ÇÕES SOCIAIS
	%	%	%	%
A1	70.4	14.2	-	15.5
A2	77.8	5.7	-	16.6
B1	80.5	9.0	10.4	-
B2	78.8	9.3	12.0	-
C1	33.5	56.7	9.7	-
C2	19.6	71.5	8.9	-
D1	100.0	-	-	-
D2	100.0	-	-	-
E1	55.6	-	44.4	-
E2	67.7	-	32.3	-

Fonte: recolha própria

A situação das famílias agrícolas que integram estas explorações pode ser comparada com informação disponibilizada através do Inquérito Nacional aos Orçamentos Familiares, realizado em 1989 (INE, 1992c).

Dela se retira que a diversidade é grande, mas que a origem exclusiva do rendimento proveniente da exploração faz parte do passado.

Figura 6-22
RENDIMENTO DISPONÍVEL DAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS



Fonte: recolha própria

O saldo da conta de rendimento dá-nos, por último, o rendimento líquido disponível das famílias, de acordo com o apuramento indicado na Fig. 6-17. Os respectivos valores situam-se sempre numa ordem de grandeza superior ao milhão de escudos, chegando a ultrapassar, numa das famílias, o montante de quatro milhões de escudos (Fig. 6-22).

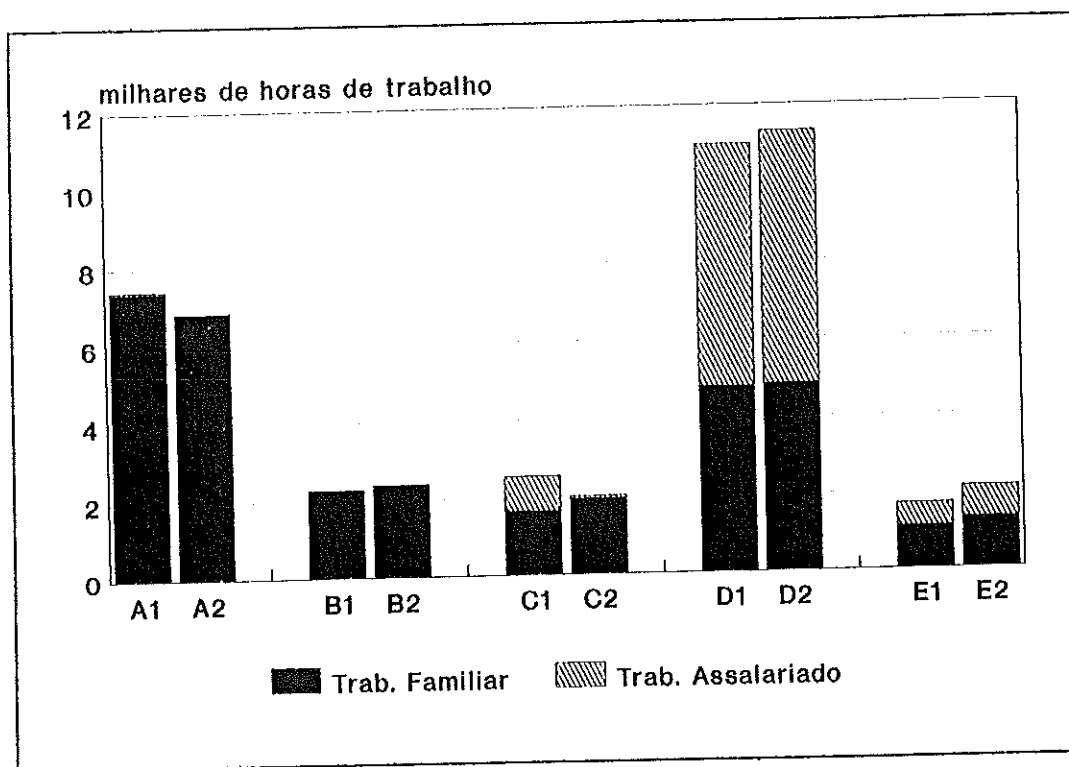
6.5 O TEMPO DE TRABALHO

A sequência das tarefas nas explorações, a gestão do tempo de trabalho e a capacidade de ocupação equilibrada do trabalho familiar reflectem, ao nível da unidade de produção, as modalidades de organização e integração das actividades aí desenvolvidas. São um bom

indicador das possibilidades de desenvolvimento de certos sistemas agrários, mais ou menos seccionados pela sazonalidade dos ciclos da produção agrícola.

Uma primeira nota importante, já atrás referenciada, tem a ver com a distinção entre trabalho familiar e trabalho assalariado. A contratação deste último obriga, naturalmente, a um fluxo monetário canalizado para o exterior da família, o qual é severamente avaliado e, sempre que possível, evitado.

Figura 6-23
DISTRIBUIÇÃO DAS HORAS TOTAIS DE TRABALHO NAS
EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS



Fonte: recolha própria

Entendida como mais uma despesa familiar, o custo do trabalho assalariado é analisado no âmbito das disponibilidades orçamentais globais da família e não do eventual rendimento que possa gerar. O padrão restritivo de consumo dos agregados familiares dos produtores agrícolas condiciona, contudo, a adopção desta despesa, rejeitando-a

sempre que os elementos da família, jovens, adultos ou idosos, possam assegurar, ainda que com sacrifício, as tarefas hipoteticamente atribuíveis ao trabalho exterior. O trabalho familiar é o factor de produção com maior elasticidade no seio das explorações agrícolas de base familiar e as despesas efectivas relacionadas com a contratação de mão-de-obra estranha deverão corresponder, inelutavelmente, a tarefas que não podem, de todo, ser assumidas pelos membros da família.

É neste quadro que os produtores procuram desenvolver, na exploração, actividades complementares em relação à agricultura, mas necessárias ao equilíbrio da respectiva estrutura produtiva. Encontram-se neste âmbito algumas funções relacionadas com as profissões de mecânico, de carpinteiro, de pedreiro, de comerciante, através das quais o agricultor procura, sempre que possível, proceder à substituição de bens e de serviços que normalmente adquire no mercado, de que resultará não só um aumento do tempo de trabalho na exploração, como também um crescimento do valor acrescentado nela retido (Pernet, 1984).

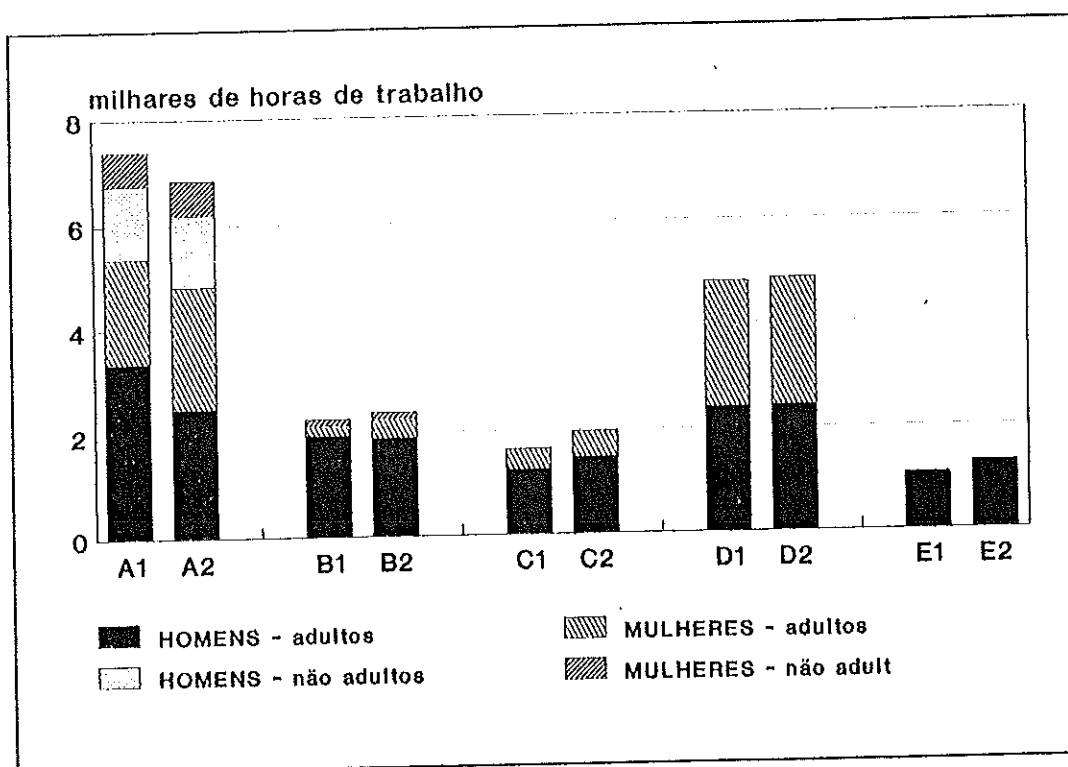
Um segundo comentário refere-se ao volume de trabalho familiar associado às actividades da exploração. Importa sublinhar duas tendências contraditórias, que se verificam na apreciação do maior ou menor comprometimento dos elementos da família nas tarefas consideradas especificamente agrícolas.

A aliança família-exploração traduz-se, também, na integração plena da actividade de cada um dos elementos da família, diferenciando-se com dificuldade o tempo ocupado especificamente com a agricultura do tempo requerido pelos restantes desempenhos domésticos. Como atrás se afirmou, nestas unidades de produção não há horários de trabalho e a dinâmica de reprodução / manutenção social da família estende-se, aqui, à própria exploração. Actividades que, em primeira análise, poderiam parecer alheias ao trabalho agrícola, podem conduzir a resultados com reflexos directos na produção.

Algumas das actividades realizadas em casa, desempenhadas pelos elementos mais idosos da família, não estão normalmente inseridas no calendário explícito da exploração, embora reforcem o montante do excedente gerado pelo complexo família-exploração. A fabricação de pão, a preparação de determinada alimentação para o gado, o descasque e acondicionamento de alguns frutos, a produção de

queijos e de enchidos, são algumas das tarefas complementares, que se incluem normalmente nas ajudas domésticas, normalmente sem reflexo ao nível do balanço económico das explorações. Desprezando esta parcela do trabalho desenvolvido por alguns elementos da família, poder-se-á cair numa subvalorização do trabalho familiar.

Figura 6-24
DISTRIBUIÇÃO DAS HORAS DE TRABALHO DA POPULAÇÃO FAMILIAR NAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS



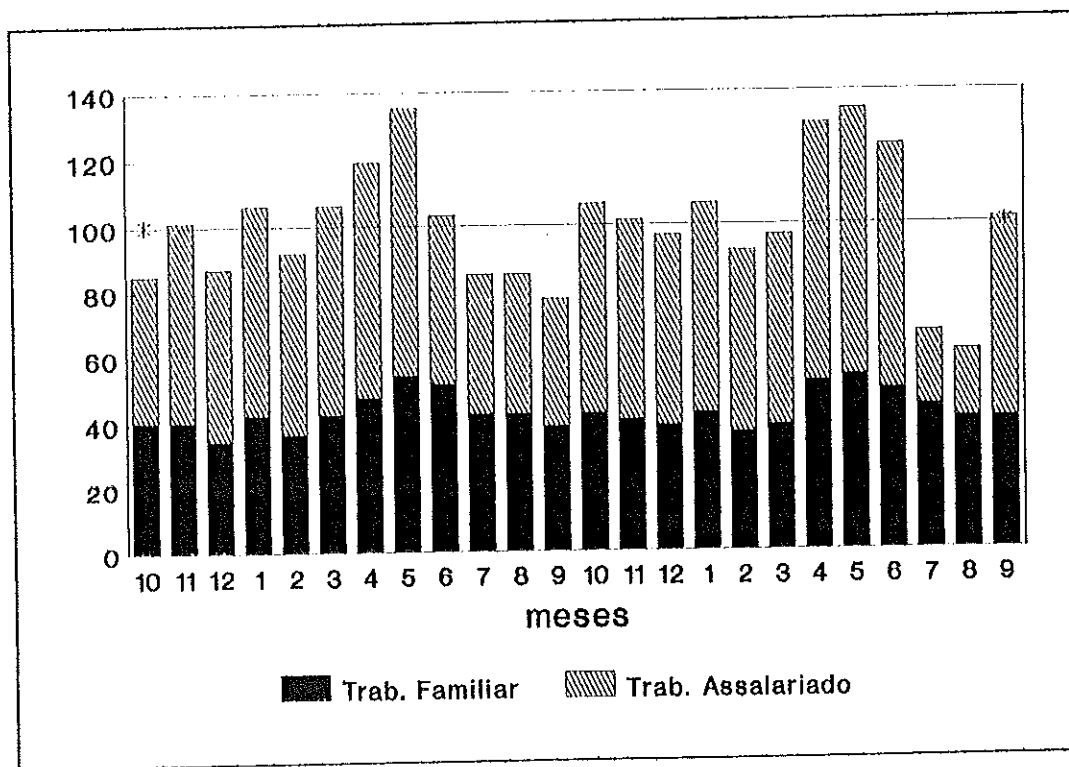
Fonte: recolha própria

Em contrapartida, o tempo destinado aos amanhos culturais, ao gado e às outras actividades de campo, nitidamente associadas à produção agrícola, é muitas vezes voluntariamente dilatado, sem que isso represente um custo acrescido, com reflexos no orçamento da família. O ritmo de trabalho é função da diversidade de tarefas que deverão ser cumpridas e, também, do perfil da pessoa que executa essas funções. Os tempos técnicos (ou tempo-padrão) dificilmente se aproximam, nestas explorações, dos tempos realmente praticados. O

tempo efectivamente gasto tem, pois, tendência a ser, nestes casos, sobrevalorizado.

Regressando às explorações estudadas, veja-se o tempo ocupado nos dois anos referenciados: (1) 1989/90 e (2) 1990/91 (Fig. 6-23). As explorações do Litoral-horticultura (D) e da Serra (A) são aquelas que obrigam a um maior número de horas de trabalho. A primeira ultrapassa as dez mil horas anuais, mais de metade das quais exercidas por trabalho contratado.

Figura 6-25
DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO AO LONGO DE DOIS ANOS
AGRÍCOLAS, NA EXPLORAÇÃO DO LITORAL-HORTICULTURA (D)
(média mensal = 100)



Fonte: recolha própria

No que respeita à estrutura do trabalho familiar (Fig. 6-24), a preponderância, em valores absolutos, é transferida para a exploração da Serra (A). Nesta unidade, todos os membros da família têm funções na

exploração, ainda que diferentemente distribuídas ao longo do ano, o que resulta da forte identificação família-exploração.

6.5.1. AS EXPLORAÇÕES DO LITORAL

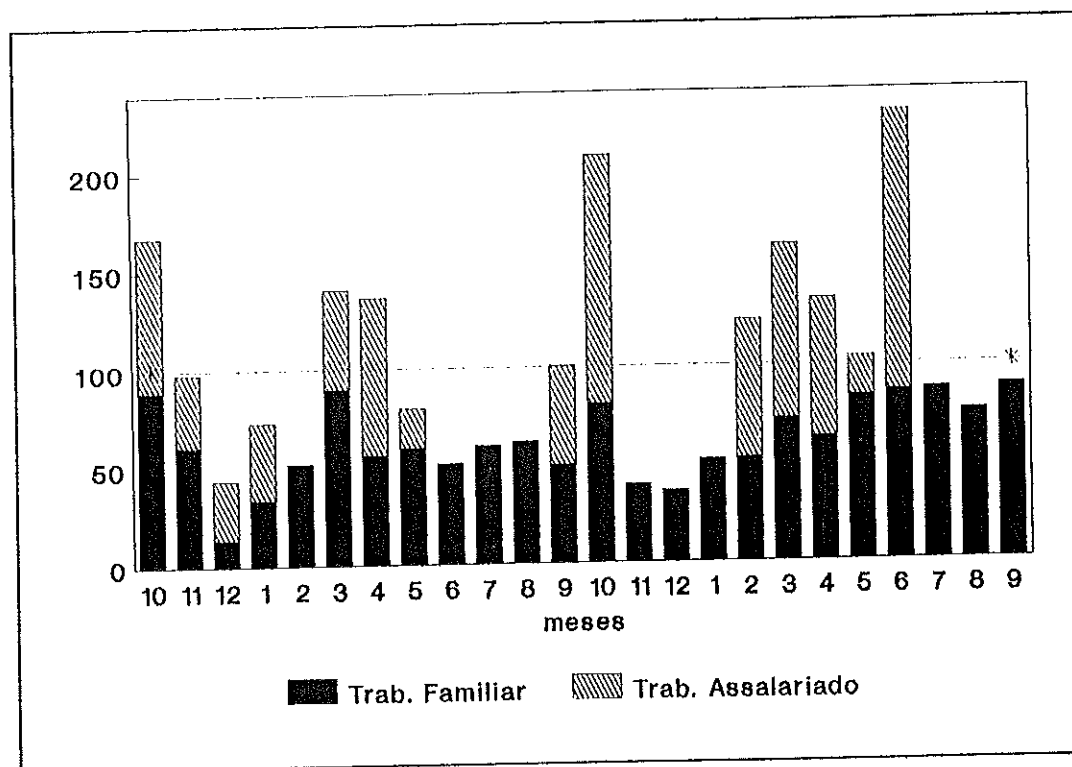
Na exploração do Litoral-horticultura (D) (Fig. 6-25), os picos de trabalho aparecem com a Primavera. O mês de Maio é aquele que regista um maior volume de trabalho comprometido na exploração, atingindo quase 40% acima da média mensal dos dois anos considerados. Corresponde à principal época de colheita dos produtos hortícolas. A expressão maioritária do trabalho assalariado deixa de se verificar no Verão, exactamente quando praticamente não há actividade corrente na exploração, dedicando-se o produtor a melhoramentos nas estufas e nos sistemas de rega, e, eventualmente, a reparações no equipamento. Apenas é mantido o trabalho externo mínimo, o qual se torna fundamental nessas intervenções, operadas sobretudo para a manutenção do aparelho produtivo. A partir de Outubro começa-se a preparar a nova campanha e volta a haver necessidade de contratar trabalho exterior. A média mensal global de trabalho utilizado na exploração é de cerca de 930 horas.

Em suma, o calendário dos primores fica bem espelhado no ritmo de trabalho desta exploração.

A outra exploração também estudada, do Litoral (E), produz citrinos e apresenta uma variação apreciável no volume de trabalho mensal utilizado (Fig. 6-26). Esta variação resulta do carácter eventual do trabalho assalariado e dos pequenos períodos de duração dos respectivos contratos, coincidentes apenas com as épocas de apanha das variedades de citrinos que são produzidas na exploração. Recorde-se que esta exploração partilha com uma outra (pertença do filho do agricultor) o trabalho exterior contratado, organizando os respectivos apoios, ora a uma ora a outra, de acordo com as diferentes necessidades dos respectivos ciclos produtivos.

Esta exploração exigiu, nos dois anos estudados, uma média mensal de 160 horas de trabalho, substancialmente inferior à anterior.

Figura 6-26
 DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO AO LONGO DE DOIS ANOS
 AGRÍCOLAS, NA EXPLORAÇÃO DO LITORAL-CITRINOS (E)
 (média mensal = 100)



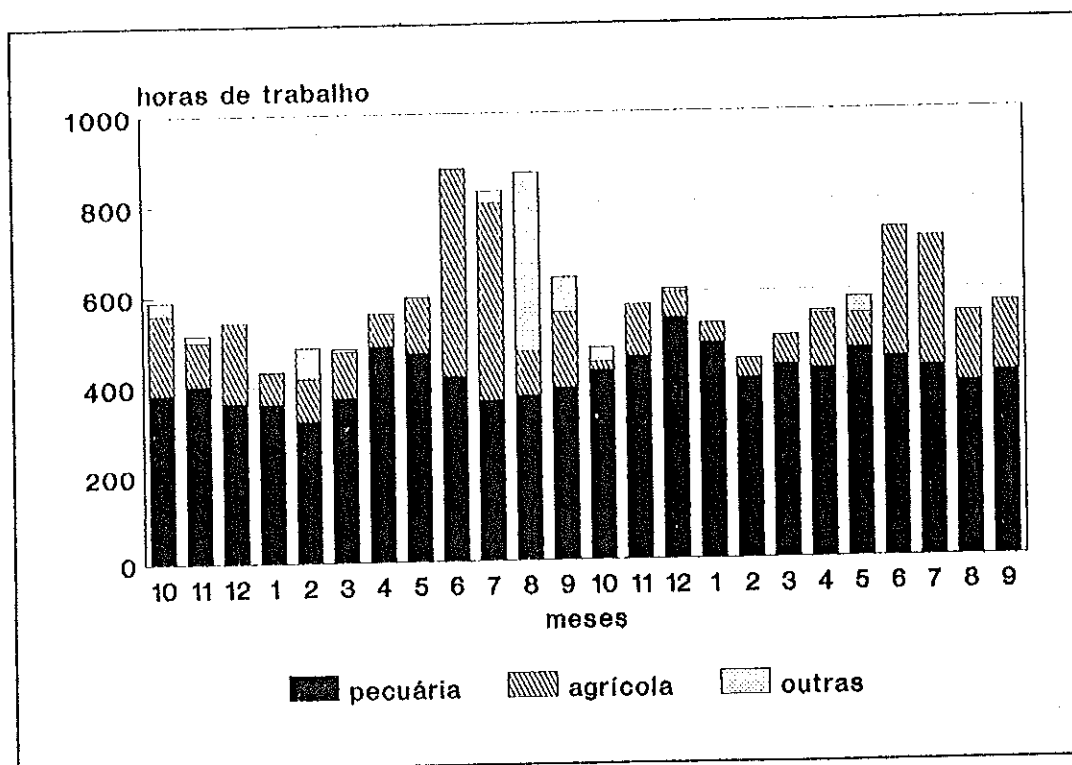
Fonte: recolha própria

O trabalho assalariado destas explorações do Litoral (D e E), para além das actividades correntes, é ainda solicitado para a realização de tarefas pontuais de reforço ou renovação do aparelho produtivo, as quais exigem uma maior especialização profissional. Estas actividades irão ter primordial incidência em algumas benfeitorias que integram e valorizam o capital fundiário (intervenção / recuperação ou novos investimentos). A retribuição monetária devida é, nestes casos, mais elevada do que aquela que é estabelecida para o trabalho indiferenciado corrente.

6.5.2 AS EXPLORAÇÕES DO INTERIOR

O panorama das três explorações do interior adequa-se, inevitavelmente, ao calendário agrícola decorrente das respectivas orientações técnico-económicas.

Figura 6-27
 HORAS DE TRABALHO SEGUNDO AS PRINCIPAIS ACTIVIDADES
 NA EXPLORAÇÃO DA SERRA (A)



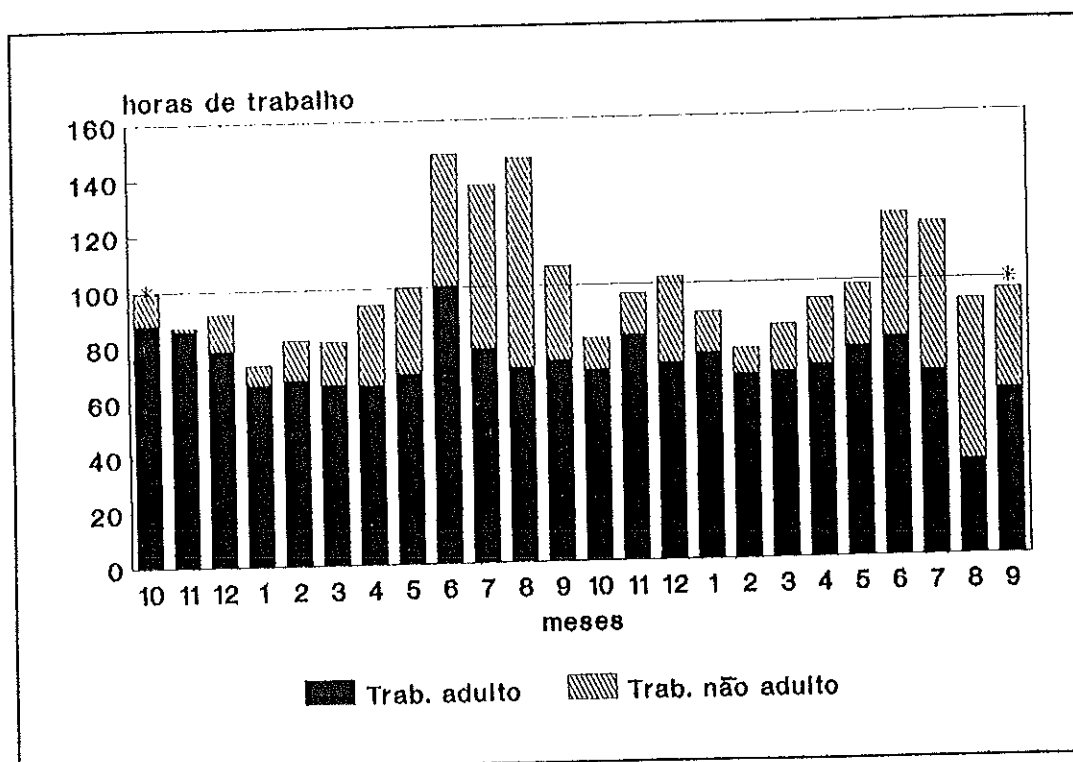
Fonte: recolha própria

Analisemos a exploração da Serra (A). A actividade relacionada com a pecuária obriga a um trabalho constante ao longo do ano, com alguns pontos baixos no curto período de Inverno, durante o qual o gado está impossibilitado de pastar livremente e recolhe às instalações existentes na exploração, na proximidade da casa do agricultor. O volume de trabalho exigido para a actividade pecuária diminui, nesta época, para valores próximos das 300 horas mensais, podendo, porém, no Verão, ultrapassar as 500 horas (Fig. 6-27). Na época estival, uma grande parte das horas de trabalho dedicadas ao gado, nomeadamente aquelas que são dispendidas com o pastoreio, são normalmente asseguradas por elementos não adultos da família, coincidindo este período com as respectivas férias escolares (Fig. 6-28).

Há, contudo, uma distinção a fazer no seio do trabalho não adulto, entre o que é desenvolvido por elementos masculinos e aquele que se ajusta melhor às raparigas. Os rapazes empregam a quase totalidade do tempo que associam à exploração em actividades relacionadas com o

gado (Quadro 6-18), ao contrário das raparigas que se dividem entre as tarefas da horta (a rega e os restantes granjeios com ela relacionados), o fornecimento de alimentos ao gado estabulado e a serventia a afazeres diversos desenvolvidos pelos elementos adultos.

Figura 6-28
DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO AO LONGO DE DOIS ANOS
AGRÍCOLAS, NA EXPLORAÇÃO DA SERRA (A)
(média mensal = 100)



Fonte: recolha própria

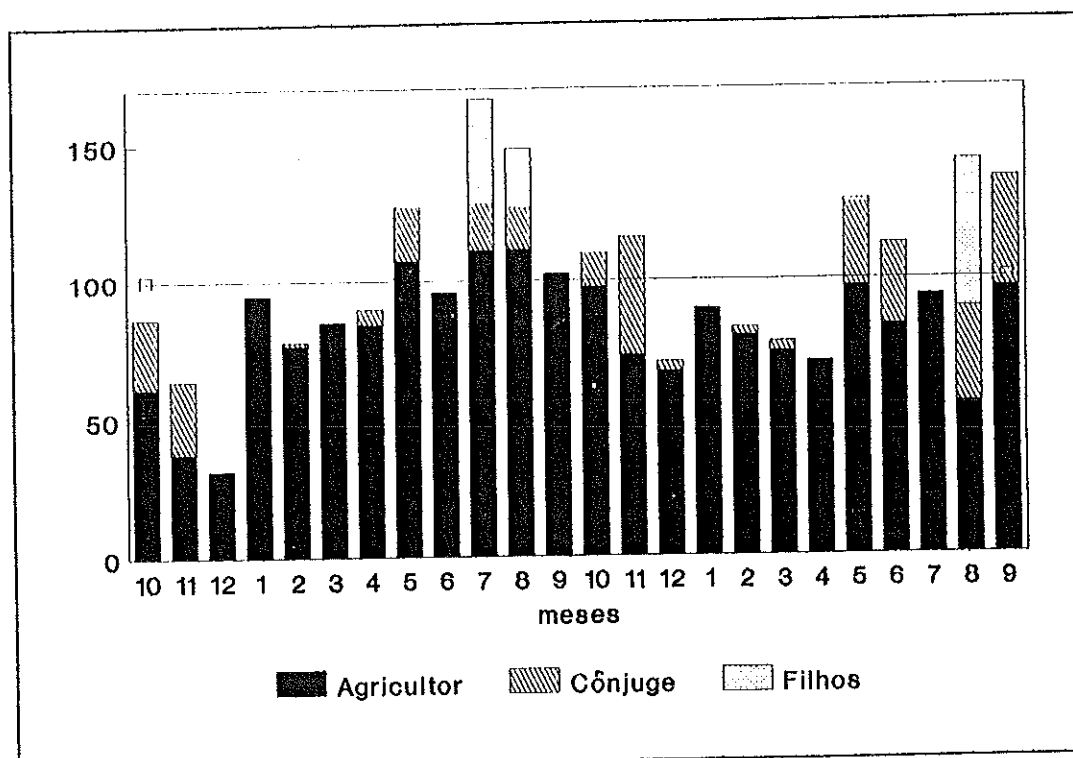
O trabalho adulto feminino é aplicado maioritariamente nas actividades pecuárias, nomeadamente nos períodos em que é necessário fornecer o respectivo suplemento alimentar ao gado, estabelecendo o doseamento equilibrado e evitando o desperdício.

A média mensal de trabalho nesta exploração ronda as 600 horas.

Na exploração da Beira-Serra (B), a variação é mais acentuada do que se detectou na exploração da Serra (Fig. 6-29). Não há necessidade de recorrer a trabalho assalariado e o peso do trabalho do

agricultor é determinante (cerca de 82% do total). Os picos de maior trabalho aparecem no fim da Primavera e no Verão, coincidindo com a apanha dos frutos frescos aí produzidos (nêsperas, ameixas e pêseços) e estendendo-se depois ao varejo e apanha da alfarroba, da amêndoa e, por fim, à azeitona. A ajuda dos filhos, estudantes do ensino secundário, aparece somente nos meses de Julho e Agosto, quando o calendário escolar o permite.

Figura 6-29
DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO AO LONGO DE DOIS ANOS
AGRÍCOLAS, NA EXPLORAÇÃO DA BEIRA-SERRA (B)
(média mensal = 100)



Fonte: recolha própria

A média mensal de horas de trabalho nesta exploração da Beira-Serra (B) não chega a atingir as 200 horas.

Finalmente, a exploração do Barrocal (C). Esta concentra, como vimos, as suas orientações produtivas quase exclusivamente na arboricultura tradicional algarvia. Por esse motivo, os seus picos de trabalho aparecem concentrados, com bastante evidência, nos meses de

Verão (Fig. 6-30). As actividades importantes começam no mês de Julho (alfarroba e amêndoa) e prolongam-se até Outubro / Novembro, com a apanha da azeitona. Uma parte do tempo consumido neste período corresponde às deslocações diárias entre a casa e as parcelas e, mesmo, entre as próprias parcelas, dada a dispersão estrutural destas explorações. A média mensal de tempo de trabalho é semelhante à da exploração da Beira-Serra, embora se registre aqui uma maior variação inter-mensal, decorrente da sua orientação produtiva e da diminuta intensidade com que combina os factores utilizados. O trabalho familiar é, nesta época, todo utilizado, mobilizando até os familiares que têm outra profissão a tempo inteiro. A estes se associam os parentes e vizinhos, que desta forma pagam alguns bens e serviços em dívida para com o agricultor. Contudo, este volume de trabalho não é, ainda, suficiente, pelo que o recurso ao trabalho assalariado se torna inevitável.

Quadro 6-18
ESTRUTURA DO TRABALHO REALIZADO NA EXPLORAÇÃO DA SERRA (A), SEGUNDO OS DIVERSOS TIPOS DE TRABALHO

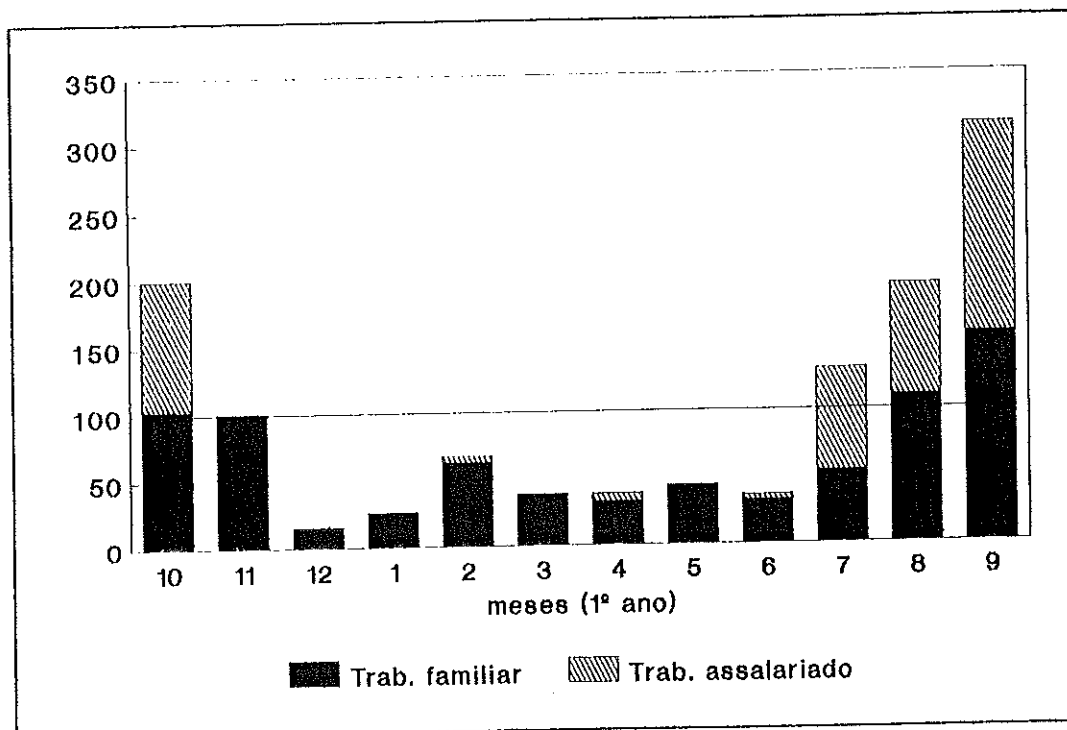
TIPO DE TRABALHO	SEXO	1989/90				1990/91			
		AGRIC.	GADO	OUT.	TOTAL	AGRIC.	GADO	OUT.	TOTAL
TRABALHO ADULTO	H	34.0	54.5	11.5	100.0	27.1	69.5	3.4	100.0
	M	27.6	70.9	1.5	100.0	16.5	83.5	-	100.0
TRABALHO NÃO ADULTO	H	1.5	97.5	1.0	100.0	0.2	99.8	-	100.0
	M	56.0	14.4	29.6	100.0	54.9	45.1	-	100.0

Fonte: recolha própria

A parcela de custos decorrente da contratação de trabalho assalariado representa, nestes sistemas produtivos onde a intervenção exterior é diminuta, a quase totalidade dos gastos. Mais uma razão para induzir à parcimónia dos agricultores no gastos com o trabalho exterior e à utilização, muitas vezes esgotante, do trabalho familiar.

A exploração do Barrocal é, aliás, aquela que apresenta uma variação excepcionalmente elevada no que respeita à utilização mensal do trabalho familiar (Quadro 6-19). Recorrendo às variações registadas nas cinco explorações, no que respeita exclusivamente ao trabalho familiar, podem isolar-se as explorações da Serra (A) e do Litoral-horticultura (D). Serão estas as mais eficientes do ponto de vista da capacidade que demonstram para ocupar, com maior continuidade e sem grandes desequilíbrios, o trabalho familiar disponível.

Figura 6-30
 DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO AO LONGO DE DOZE MESES,
 NA EXPLORAÇÃO DO BARROCAL (C)
 (média mensal = 100)



Fonte: recolha própria

Quadro 6-19
 VARIACÃO INTER-MENSAL DO TRABALHO FAMILIAR NAS
 EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS

EXPLORAÇÃO	PERÍODO (meses)	VARIAÇÃO (coef. variação)
SERRA - A	24	16.4
BEIRA-SERRA - B	24	30.0
BARROCAL - C	12	64.0
LIT.-HORTICULT. - D	24	12.4
LIT.-CITRINOS - E	24	32.0

Fonte: recolha própria

As explorações da Beira-Serra (B) e do Litoral-citrinos (E) aparecem em segunda posição, com um coeficiente de variação mais elevado, traduzindo já uma ocupação pouco satisfatória do trabalho

familiar ao longo do ano. O primeiro destes dois casos terá a seu favor o facto dos seus elementos mais jovens estudarem, o que os leva a se afastarem das tarefas da exploração durante um número significativo de meses, e diminui a parcela inactiva que poderia transparecer do resultado apresentado.

Por último, a já referida exploração do Barrocal (C) é aquela que apresenta uma situação mais desequilibrada: a ocupação do trabalho familiar está excepcionalmente concentrada numa curta época do ano, relegando-se, nos restantes meses, às actividades de pequena manutenção da exploração e à parcela orientada para o autoconsumo.